CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
MUSEU FREI GALVÃO - ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
PRAÇA CONSELHEIRO RODRIGUES ALVES, 48 - 2º ANDAR
1988 - ANO DA ABOLIÇÃO DO CATIVEIRO

GUARATINGUETÁ
HISTÓRIA
85

GUARATINGUETÁ - VELHAS PRAÇAS
II

PRAÇA CONDESSA DE FRONTIN - antes Praça da Estação

Quando, no ano de 1877, foi inaugurada em Guaratinguetá a estrada de ferro, construiu-se, na várzea à margem do rio Paraíba, a primitiva gare, estação de dimensões modestas, à frente da qual se abria um descampado. Desse grande largo, desde então conhecido como - Praça da Estação, subindo-se um aclive, alcançava-se o Beco da Esperança ou Beco do Mello (Rua 9 de Julho), - que prosseguia pelo lado da casa em que viria a residir o Cons. Rodrigues Alves, terminando onde é hoje a rua



Dr. Morais Filho. Morria aí, porque à frente existia o sobrado do Padre Antonio Luiz dos Reis França que, de costas para a Matriz, impedia a visão da igreja desde a estação.

Para a construção do atual prédio da estação, um fato ocasional veio influir na urbanização de Guaratinguetá. O engenheiro André Gustavo Paulo de Frontin, que era o Diretor da Estrada de Ferro, veio de trem visitar uma sua tia. Na velha estação, encontrou-se com dois chefes políticos locais, o Comdor. Rodrigues Alves e o prefeito Pedro Marcondes, que lhe pediram e dele obtiveram a promessa de um novo edifício para a estação. Em troca, por pedido do próprio Frontin, abririam a rua da Estação até à Matriz, proporcionando uma excelente - visão a quem chegasse de trem. Para a inauguração desse novo prédio, com ferragem inglesa e coberto de ardósia, a Câmara aprovou "a construção da praça, com o nome de praça Condessa de Frontin", como evidente homenagem à esposa do engenheiro. A nova estação e a nova praça foram efetivamente inauguradas em 1914. Porém a promessa do prolongamento da rua da Estação (Dr. Martiniano) até ao Largo da Matriz, somente iria se efetivar a partir de 1917.

PRAÇA DR. HOMERO OTTONI - antes Pátio do Belém, Largo do Rocio, Praça Dr. Lycurgo Santos, Praça Moreira César, Largo do Theatro.

Seu mais antigo nome conhecido era o de Pátio do Belém, denominação que perdurou até que, em 1851, recebeu o nome oficial de Largo do Rocio, que seria ainda

confirmado pela mesma Câmara Municipal em 1865, através de nova Lei de Meios.

A esse tempo, as feiras dos domingos, tradicionalmente realizadas no Largo do Rosário, tinham sido transferidas, por determinação da Câmara Municipal, para o Largo do Rocio. Todavia, dado o inconveniente de sua afastada localização, "o Vereador Miranda indicou - que a feira de quitanda voltasse do Largo do Rocio, onde fora transferida, para o da Cadeia, no antigo lugar, por ser este largo mais espaçoso que aquele e ser no - centro da cidade e porisso mais cômodo".

Proclamada a República, o Conselho da Intendência, em 1891, aprovava indicação que, "atendendo a ter sido o Dr. Lycurgo de Castro Santos o fundador do Partido Republicano nesta cidade e no norte de São Paulo e a ter sido eleito Senador ao Congresso Paulista, - substituia o nome de Largo do Rocio pelo de Praça Dr. Lycurgo Santos". Esse nome, todavia, muito pouco durou. As alterações do comando político da nascente República, e a trágica morte do comandante de um dos grupos da repressão oficial da chamada Guerra de Canudos sensibili - zaram os vereadores a mudarem o nome do largo para Praça Cel. Moreira Cesar.

Iniciadas em 1890, pela iniciativa particular de Francisco Baptista de França Rangel, as obras de construção do Theatro Carlos Gomes, nessa praça, a partir de 1893 prosseguiram por conta da Intendência Municipal. Assim, quando inaugurada em 1895 pelo então Intendente Cap. Alfredo Antunes, a casa de espetáculos recebeu a denominação de Theatro Municipal, o que bastou para que a Pra-

ça, desde então, fosse popularmente conhecida como Largo do Theatro.

Tendo falecido a 8 de fevereiro de 1910 o Dr. Homero Ottoni, humanitário médico extremamente querido pelo povo, e que já no final do século passado havia encabeçado diversos movimentos, inclusive a construção, no bairro do Pedregulho, do primeiro hipódromo de Guaratinguetá, a Câmara Municipal, em sessão de 23 de fevereiro de 1911, deliberou "honrar a memória do distinto médico que foi o Dr. Homero Ottoni, dando o seu nome à praça em que residia até seu falecimento", passando o antigo Largo do Belém à denominação de Praça Dr. Homero Ottoni, nome que guarda até hoje.

PRAÇA SÃO GONÇALO - antes Largo de São Gonçalo.

O largo de São Gonçalo nasceu com a construção da primitiva capela de São Gonçalo, "erecta no ano de 1726 pouco maes, ou menos pella devoção dos homẽs de Caminho, sendo o principal motor desta capella o defunto Manoel da Sylva Braga", na crônica do Livro do Tombo da Matriz.

A capela trazia a invocação de São Gonçalo Garcia. Não o de Amarante, mas o São Gonçalo "nascido na índia de cor parda... padroeiro dos homens pardos". O outro "pertence ao mundo dos ricos, festejado nas igrejas com músicas e danças, cuja devoção foi proibida pelo clero".

Com as costas para o ribeirão que tomou seu nome, a capela se voltava para a atual praça de São Gonçalo, onde se abriu o cemitério de sua irmandade. Visto-

riando-a em 1856, e encontrando-a em muito mal estado, D. Gaspar de Souza Leal entregou "a Capella de Sam Gonçallo aos homens pretos, irmãos de S. Benedito para na mesma capella ser collocado e venerado", com a obrigação de nela serem feitos os necessários reparos.

O largo de São Gonçalo se estendeu por toda a volta da capela, balisado pelo ribeirão, indo desde a Ponte da Estalagem até à rua da Liga. E todo bairro além-ribeirão, até o distante São Bento, passou a ser conhecido como bairro de São Gonçalo.

Na segunda metade do século passado, os homens pretos finalmente erqueram sua igreja a São Benedito, com frente para a ladeira e com seu lado esquerdo fechando a entrada da velha capela. A ladeira fronteira até à ponte tomou o nome de São Benedito, ficando o Largo de São Gonçalo restrito às dimensões primitivas da praça fronteira à capelinha, no local onde não mais existia o cemitério, detendo esse logradouro o mérito de ser, em Guaratinguetá, o que conserva há mais tempo - desde sua abertura em 1726, [a] denominação original.

PRAÇA JOAQUIM VILELLA DE OLIVEIRA MARCONDES - Largo de São Gonçalo, Largo de São Benedito, Ladeira de São Benedito, Praça do Collegio, Avenida Carlos de Campos, Praça São Paulo.

Erguida a igreja de São Benedito, a área à sua frente, ladeira abaixo, e margeando o ribeirão até à ponte, passou a ser denominada de Largo de São Benedito, que muitos igualmente chamavam de Ladeira de São Benedito.

Em 1893, em um alto à esquerda da igreja, à cavaleiro do ribeirão São Gonçalo, Mons. João Fillipo - fez erguer o Collegio do Carmo, exclusivo para meninas, razão por que a área passou a ser conhecida também como Praça do Collegio. Porém seu nome oficial, já em nosso século, seria seguidamente alterado. Inicialmente a la deira em que se plantou uma aleia de palmeiras, foi de nominada de Avenida Carlos de Campos, nome, em seguida, mudado para o de Praça São Paulo, sendo que por último, após a morte do ex-prefeito Joaquim Villela de Oliveira Marcondes, a praça viria, em 1955, a ganhar sua denominação atual.

PRAÇA DE SANTA RITA - Nas primeiras décadas do século - 19, em terras de sua chácara no fim do bairro de São Gonçalo, um piedosa viúva de nome Ignez Theodora da Silva, somando a seus próprios recursos alguns donativos - penosamente amealhados, fez erguer uma igreja sob a invocação de Santa Rita. Em princípios de 1846 se dirigiu ela aos Vereadores, "pedindo a esta Câmara lhe atestе se ela he a protetora da Igreja de Santa Rita se por si e com ajuda dos fieis tem levado a obra ao estado em que se acha a mesma igreja parada por falta de meios". À margem do Paraíba mas de costas para o rio, a igreja se voltava para a estrada que seguia além da rua do Lava-pé, medeando entre as duas uma área plana, logo denominada de Largo de Sánta Rita, denominação que permanece até os dias atuais. A estrada que conduzia ao Lava-pé tomou a denominação de rua de Santa Rita, tendo o nome de Santa Rita finalmente alcançado todo o bairro.

PRAÇA QUINZE DE NOVEMBRO - antes Largo da Bica.

O viajante que, em 1850, chegasse a Guaratinguetá com sua tropa vindo do bairro da Capella, que é hoje o município de Aparecida, poderia seguir para Cunha ou para Lorena sem cruzar o centro da cidade. Da rua da Figueira (Visconde de Guaratinguetá)entrava, à direita, na Travessa do Cuevas (atual Estação Rodoviária). Cruzando a rua da Boa Vista (Tamandaré), alcançava a Travessa da Bica (rua Paissandu) que, mais acima, se abria num largo onde havia um chafariz com boa água. Era ali o Largo da Bica (rua 15 de Novembro). Cruzando-o, o tropeiro seguia pela rua da Bica (15 de Novembro) e descia o Buraco d'Água (rua São José), chegando à Pedreira (rua Cel. Tamarindo). Se prosseguisse pela direita, iria para Cunha. Se à esquerda, voltaria à cidade. Se tocasse adiante, pela rua do Gado (Santa Clara), chegaria ao bairro de Santa Rita para daí sair por São Bento, pelo Caminho Novo da Piedade , para chegar até Lorena.

No Largo da Bica viveu e morreu o grande - maestro guaratinguetaense Antonio Eulalio dos Santos. Regendo a Banda União Beneficente, de que foi um dos fundadores, músico e maestro, Tonico Eulalio foi igualmente hábil compositor, além de ter sido exímio artista da requinta.

Na Rua da Bica, a 3 de março de 1869, foi - fundada a Santa Casa de Misericórdia de Guaratinguetá, ato que conseguiu a façanha, até então inédita na história da cidade, de unir os ferrenhos adversários políticos dos partidos Conservador e Liberal.

FONTES DE CONSULTA

- Atas da Câmara Municipal de Guaratinguetá - 1830 a 1930; 1948 a 1988.
- Atas das reuniões do Conselho da Intendência de Guaratinguetá
- Código Municipal de Guaratinguetá de 1911
- Decretos-lei da Prefeitura de Guaratinguetá, do Estado Novo (1937 a 1945)
- Depoimentos de Benedicta de Meirelles França Cipolli, Antenor Magalhães e Antonio Rocha
- Documentos do Museu Frei Galvão - Arquivo Memória de Guaratinguetá
- Filippo, Mons. João - Esplendores de Santo Antônio - São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1914.
- Jornais: O Parahyba, Correio do Norte, O Eco e Correio Paulista
- Lei de Meios da Câmara Municipal de Guaratinguetá de 1851.
- Lei de Meios da Câmara Municipal de Guaratinguetá de 1865
- Leis Municipais de Guaratinguetá de 1910 a 1930 e de 1948 a 1988
- Publicações do Prof. Geraldo de França Bueno nos jornais Correio Paulista e O Eco
- Publicações do Prof. Moacyr Guedes de Siqueira no - jornal O Eco
- Publicações do Prof. Rogério Lacaz no jornal O Eco.